

O Brasil e os investimentos produtivos

Em boa hora, num momento de incertezas e desinformações, uma grande empresa de consultoria internacional resolveu pesquisar o que realmente pensam e como decidem os executivos verdadeiramente responsáveis pelo funcionamento da economia mundial e pelos investimentos produtivos diretos.

O resultado dessa pesquisa, que teve sua primeira versão no semestre passado e agora está na segunda versão, conduzida pelo Conselho de Políticas de Negócios Globais, da AT Kearney, é especialmente relevante para o Brasil. Apesar das crises internacionais, das dificuldades internas e do período eleitoral pelo qual passou, o País mantém-se em segundo lugar no Índice de Confiança dos Investimentos Estrangeiros Diretos (FDI), pouco abaixo dos EUA, primeiro colocado.

O índice compara a probabilidade relativa de investimentos diretos em 60 países, para o ano seguinte e para os próximos três anos, e, numa escala de 0 a 2, o Brasil situa-se com 1,38 enquanto os EUA têm 1,64, e países como o Reino Unido (1,27), a Alemanha (1,17) e o Canadá (0,91) ocupam posições abaixo do Brasil. Para não falar de outros países com economias mais próximas da nossa, como a Índia (1,14), o México (1,02) e a Argentina (0,98).

Entre a primeira e a segunda versão da pesquisa, que é feita entre mil executivos das maiores em-

presas na Ásia, na Europa e nas Américas, o índice de confiabilidade reduziu-se para todos eles, como efeito evidentemente da turbulência internacional, mas, como diz o relatório da empresa, "o Brasil, gigante industrial da América Latina, os mercados da Europa e destinatários seletos na Ásia, principalmente China e Índia, permanecem entre os mercados favoritos para investimentos diretos".

Numa entrevista aqui em São Paulo, quando apresentou o trabalho, o vice-presidente da AT Kearney, Paul Laudicina, salientou que "essa análise está acima do sobe-e-desce das bolsas ou da especulação sobre se a moeda será ou não desvalorizada", pois o que vale mesmo é a intenção dos homens que tomam as decisões de investimentos nas grandes corporações.

E, conforme revela a pesquisa, essas decisões são adotadas pelos grandes executivos de acordo com vários critérios sendo que os três mais importantes são: tamanho do mercado, estabilidade política, potencial de crescimento econômico. Depois é que vêm outros, tais como legislação, repatriação de lucros, custo de mão-de-obra, etc.

Assim, no caso do Brasil por exemplo, conforme assinalou Laudicina, "independentemente



de que o Congresso aprove ou não alguma medida, ou de que os papas da economia mundial alertem para desgraças iminentes no Brasil, nada disso muda o tamanho do mercado brasileiro", o mais importante fator para o investidor.

A pesquisa apresenta duas vantagens. Em primeiro lugar, ela não se refere propriamente ao passado, ou seja, saber para onde tem ido a maioria dos investimentos diretos, mas sim para onde se dirigirá preferencialmente no futuro próximo. Em segundo lugar, não se refere à lucratividade de curto prazo de capitais voláteis, mas sim ao potencial de retorno de médio e longo prazo de investimentos produtivos.

As empresas participantes abrangem cinco setores: manufatura de transformação, manufatura pesada, telecomunicações/infra-estrutura, setor financeiro e setor de serviços. Nos cinco setores o tamanho do mercado e o potencial de crescimento econômico são mencionados como os principais fatores de decisão. E é curioso que, apenas na manufatura pesada, o custo e a qualidade da mão-de-obra são citados como fatores importantes, mesmo assim em terceiro lugar na ordem de importância. Mais importante que isso, e citados em três setores, é a estabilidade política e também o ambiente regu-

latório interno (estabilidade e eficácia das leis).

No documento que acompanha os dados, o vice-presidente da firma de consultoria comenta que "o compromisso do governo brasileiro com a política de privatizações, e o aprofundamento do Mercosul, assim como a percepção de estabilidade política e econômica, estão aparentemente alimentando o interesse em investimentos a longo prazo".

É importante observar que as duas pesquisas foram realizadas em período particularmente adverso para o Brasil e sua economia, e a segunda delas em datas que antecederam e sucederam as últimas eleições presidenciais e as negociações com

o FMI. Nada disso, porém, abalou a posição brasileira no "ranking" de preferências dos responsáveis por investimentos nas 130 maiores empresas multinacionais que participam da análise. Conforme comenta Laudicina, "estamos tão acostumados a ouvir que as coisas estão erradas no Brasil que nos surpreendemos ao vê-lo nessa posição de destaque". O que apenas comprova que, à margem das estripulias do mercado financeiro de curto prazo, a racionalidade empresarial ainda prevalece.

**O Brasil
mantém-se em 2.º
lugar no índice de
confiança dos
investidores
estrangeiros**